Corroborando a opinião de Mário Martins, que poderia chocar alguém que apenas identifica Eça de Queirós com um escritor avesso a tudo o que nos viesse da Igreja, queremos lembrar suas *Últimas Páginas*, que se iniciam com as vidas de Santos, São Cristóvão, Santo Onofre, São Frei Gil, todos da Idade Média. Sem falar na *Ilustre Casa de Ramires*, que contém uma novela composta em português medieval, escrita por um dos personagens do romance, Gonçalo Mendes Ramires, que, à medida que escreve a história de seus antepassados, compara suas façanhas com sua própria mediocridade.

Outro aspecto interessante do livro de Mário Martins é o relacionamento que nos apresenta entre fábulas medievais e mitos da Grécia Antiga, como por exemplo a adaptação da lenda de Édipo e Jocasta nos evangelistas apócrifos que contam a história de Iscariotes. Também Judas matou o pai, sem o saber, e se casou com a mãe, guiado por destino fatal que o levou à suprema traição...

Essas curiosas interpolações mostram como os mitos gregos continuavam vivos na tradição européia, aparecendo na grande compilação da *Flos sanctorum*, editada em 1513.

Por tudo isso a Idade Média se nos afigura não como esteril e vazia mas como tempo de maturação de antigas sementes, para produzir frutos na literatura moderna e contemporânea, chegando até os nossos dias com o *Moyen Age de convention* do *Annonce faite à Marie* de Claudel e com *Becket ou l'honneur de Dieu* de Anouilh.

CLÁUDIO DE CICCIO

*

* *

LAURENT (Jeanne). — *Un monde rural en Bretagne au XVe siècle: la Quévaise*. Paris. SEVPEN/École Pratique des Hautes Études. 1972, 440 pp.

Esta monografia de uma Instituição de direito privado, consuetudinário e de tipo rural, cujo objeto é circunscrito a uma área geográfica limitada — a Bretanha Ocidental — busca reexaminar, apresentar em seus aspectos novos e dentro de um contexto mais amplo, essa Instituição — *Quévaise* — à luz exclusivamente de seus próprios documentos reunidos pela Autora. Originalmente uma tese apresentada na École de Chartes, este estudo procura, a partir da larga experiência da Autora, de suas observações, da literatura existente sobre o assunto, esclarecer pontos capitais que não lhe estavam claros: 1). — por que razão os primeiros desbravadores das grandes extensões de terras a cultivar pelos senhores da região acabaram por receber apenas pequenos lotes?; 2). — se, no início as superfícies dos *quévaisiers* eram todas iguais e pequenas, como se explica a evolução que resultou em explorações agrícolas de dimen-

sões variadas?; 3). — por que circunstâncias, juristas e historiadores foram levados a qualificar de feudais os contratos realizados livremente entre proprietários e locatários de terras, fora de toda hierarquia feudal?

O estudo monográfico da *Quévaise*, instituição exclusivamente existente na baixa Bretanha e dentro das terras pertencentes às duas ordens religiosas dos Cistercienses e dos Hospitalários, leva-nos mais uma vez a confirmar a hipótese da complexidade e da variedade existentes dentro do mundo medieval, de suas instituições e formas de exploração da terra e do relacionamento entre os homens. Esquemas rígidos que aprendemos em bancos escolares sobre a hierarquia e a organização feudal em França notadamente, não condizem com as realidades.

Na Introdução a Autora discute questões relativas aos arquivos *quévaisières*, tece considerações de ordem filológica, sobre os documentos — em enorme quantidade — utilizados e sua justificação. Depois do que busca integrar a Instituição em seu contexto espaço-temporal, integrando nele o Homem, particularmente o camponês que detem uma *Quévaise*. Este mesmo Homem aparece dentro de uma ordem social que a Autora define e na qual analisa igualmente o governo das pessoas e das coisas. Mas note-se, o que tem importância em todo o trabalho, é que desde o início a reconstituição é histórica é realizada exclusivamente com base na coleção documental, variada e dispersa sobre a *Quévaise* que conseguiu reunir. Esta, inclusive, vem anexada na parte final de sua obra (a partir da página 245 mais precisamente). Por esta razão pouca bibliografia é mencionada, e os grandes autores que trataram também da *Quévaise* só aparecem quando a Autora contrapõe algumas de suas explicações às deles.

Dentro do “mundo onde vivem os *quévaisiers* do século XV” interessa conhecer também as formas de ministrar justiça e a tipologia dos agentes que a realizam.

Nesta região da baixa Bretanha onde a *quévaise* encontra-se encravada nas propriedades das duas ordens religiosas, o tipo mais usual de propriedades rurais que se pode divisar na paisagem agrária é a do *bocage*, pequenas extensões de terras cultivadas e separados uns dos outros por pequenas cercas naturais.

“Entre ces zones en bocage autour des groupes de maisons, un reste de champs ouvert subsistait dans les vaines pâtures” (p. 139).

Mas a paisagem agrária não é tão simples: ao lado dos *bocages* aparecem também os *openfields*, o sistema de cultivo em grandes extensões sem cerca, embora não predomine.

O estudo da *Quévaise* propriamente dito vem no final do texto e começa pela análise etimológica da palavra. A origem desta seria celta, latina, bretã? Difícil definir com exatidão.

Mas o significado da palavra muda através do tempo.

“Du sens originel de champs on est passé à celui d'une tenure dont la partie essentielle est un champs, puis à celui de tenures de dimensions variables qui se sont constitués autours du noyau représenté par le champs primitif” (p. 151).

Uma cartografia histórica da *Quévaise* é traçada e é seguida de minuciosa relação do número de *quévaises* existentes em cada bispado, paróquia, senhorias da baixa Bretanha.

Sobre o aparecimento desta Instituição puramente bretã pairam controvérsias. A Autora está mais inclinada a acreditar em uma criação das ordens hospitalárias e templárias mesmo, do que numa instituição de origem ducal, e resume suas análises históricas e geográficas com estas palavras:

“enclave dans la région de domaine congéable, la quévaise est le régime des terres élevées des monts d'Arrée, les dernières qui aient été défrichées. Des Cisterciens et des Hospitaliers s'y sont implantés durant le deuxième quart du XIIe siècle. Les exploitations agricoles qu'ils ont créés ont attiré des défricheurs auxquels ils ont proposé des conditions susceptibles de les retenir. Le contrat, le convenant pour employer la terminologie bretonne, qui a été conclu avec les défricheurs en vue de leur installation sur le sol à mettre en valeur est un contrat d'hostise, plus avantageux que le convenant des autres terres de la région, parce qu'ici l'hôte ne sera pas congéable” (p. 184).

Contrapondo-se aos historiadores da *Quévaise*, Laurent prova a originalidade desta Instituição que, dentro do mundo feudal, apresentava ausência de características de servidão e ausência de características feudais.

A Revolução Francesa suprime a *quévaise* em 1789.

MARIA LUIZA MARCÍLIO

*

*

*

MARTIN (Phyllis M.). — *The External Trade of the Loango Coast, 1576-1870* (*The effects of changing commercial relations on the Vili Kingdom of Loango*). Oxford Studies in African Affairs. 1972. Oxford University Press.

Este livro foi originalmente uma tese de doutoramento defendida pela Autora na Universidade de Oxford. O tema abordado focaliza o desenvolvi-